

## FRAGMENTOS DA INSTRUÇÃO OS EX-VOTOS COMO FONTES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM SERGIPE

Magno Francisco de Jesus Santos  
(FJAV, [cajaibasergipe@yahoo.com.br](mailto:cajaibasergipe@yahoo.com.br)).

Ane Luíse Silva Mecenas Santos  
(UFPB, [anemecenas@yahoo.com.br](mailto:anemecenas@yahoo.com.br)).

### RESUMO

A partir do terceiro decênio do século XX a produção do conhecimento histórico passou por relevantes transformações. A renovação do campo historiográfico ocorreu com a emergência do movimento dos Annales, que entre outros pressupostos, defendeu o diálogo interdisciplinar e o alargamento do conceito de documento. Partindo desta nova concepção, este artigo tem o foco de análises a discussão sobre as possíveis fontes para a História educacional sergipana. Portanto, se trata de um embate de cunho teórico, na qual apontamos algumas possibilidades de pesquisa.

Palavras-chave: História da Educação, documento, memória.

### ABSTRACT

From the third decênio of the twentieth century the production of knowledge relevant history gone through transformations. The renewal of the field historiographical occurred with the emergence of the movement of Annales, which among other assumptions, defended the interdisciplinary dialogue and enlargement of the concept of document. On this new concept, this article is the focus of the discussion analysis on the possible sources for the history educational sergipana. So it is a clash of stamp book, in which apontamos some possibilities of search.

Keywords: History of Education, document, memory.

Uma busca infundável, onerosa e angustiante. Essa é a sensação do historiador da educação ao iniciar sua pesquisa nos diferentes lugares de memória em busca de documentos. A chamada heurística, ou simplesmente busca de fontes constitui uma das etapas que demanda maior tempo e que requer maior dinamismo do pesquisador. O historiador corre contra o tempo, em busca de vestígios que lhe possam fornecer informações acerca do objeto de estudo.

Todavia, o tempo do pesquisador (quase sempre escasso) pode ser otimizado, caso saiba buscar informações em importantes instrumentos de auxílio à pesquisa. Trata-se de guias, inventários, catálogos ou simples notas de rodapé que podem fornecer valiosas informações sobre a localização dos documentos. Para tanto, é preciso que o pesquisador seja atento e que tenha relativo nível de erudição, pois muitas das informações estão guardadas em locais impensáveis.

O propósito deste artigo é discutir algumas questões pertinentes às possíveis fontes para a História da Educação em Sergipe. Neste sentido, podemos dizer que trata de uma discussão bibliográfica sobre a temática acompanhada de algumas indicações de acervos. A explanação foi dividida em dois momentos: no primeiro, apresentamos uma discussão sobre o conceito de documento, enfatizando a ampliação de seu sentido etimológico. No segundo, foram expostas algumas possibilidades de uso dos ex-votos como fontes na produção de História da Educação em Sergipe.

#### 1-Ecos do tempo: os documentos como monumento

No decorrer dos séculos a história buscou consolidar-se enquanto ciência. Para atingir o nível de cientificidade almejado, os historiadores passaram a deter maior preocupação em relação às questões atinentes ao método. Era preciso buscar um mecanismo que reduzisse a subjetividade do historiador, que garantisse o distanciamento entre o pesquisador e o objeto, entre o passado e o presente. Isso fez com que os historiadores se debruçassem sobre os documentos escritos oficiais como tentativa de angariar maior nível de objetividade, de cientificidade.

Foi nesta perspectiva que o século XIX passou a ser visto como o “século da história”. A contribuição dos historiadores do dezenove é estável para o campo da historiografia, principalmente no que concerne à crítica documental. O método histórico partia da busca e crítica das fontes, dos registros do passado. Assim, os historiadores

positivistas buscaram sistematizar os métodos da crítica documental, já desenvolvidos pela erudição.

Mesmo sendo oficiais os documentos antes de serem usados na escrita da história, deveriam passar pelo crivo do historiador para comprovar a sua autenticidade. Nesta espécie de tribunal, os documentos que tinham sua autenticidade comprovada passaram a ser o discurso oficial, a fala dos historiadores, enquanto os falsos eram desprezados. Devido a ênfase dada aos testemunhos escritos e oficiais, a produção historiográfica até as primeiras décadas do século XX concentrou-se dos grandes feitos, dos grandes homens (BURKE, 1997, p. 16).

Todavia, mesmo no século XIX havia vozes discordantes na concepção do fazer histórico. Diferentes intelectuais criticaram o modelo da historiografia tradicional e clamaram por um novo entendimento sobre o passado, por um olhar que contemplasse novos aspectos da sociedade. Foi neste ensejo que Michelet propôs uma “história dos que sofreram, trabalharam, definharam e morreram sem ter a possibilidade de descrever seus sofrimentos” (MICHELET. apud BURKE, 1997, p. 19).

Os clamores que vinham desde os iluministas só foram consolidados na primeira metade do século XX. Com a emergência do movimento dos Annales a historiografia passa a desenrolar sob um novo viés. Passa a prevalecer o diálogo interdisciplinar entre a História e as ciências vizinhas, fazendo eclodir novos problemas, objetos, abordagens e, antes de tudo, novas fontes. Dificilmente os Annales teriam tal proporção sem a mudança na concepção de documento. O monopólio predominante dos registros escritos foi quebrado. Na acepção analítica, tudo que o homem produziu ou tocou pode ser interpretado como fonte histórica, por trazer os sinais de uma outra época. Historiadores como Marc Bloch chegaram a declarar que a diversidade das testemunhas era quase infinita, pois tudo o que “o homem diz ou escreve, tudo o que fábrica, tudo o que toca pode e deve informar-nos sobre ele” (LE GOFF, 2003, p. 219). No mesmo sentido, Lucien Febvre afirmou:

A história fez-se, sem dúvida, com documentos escritos. Quando há. Mas pode e deve fazer sem documentos escritos, se não existirem faz-se com tudo o que a engenhosidade da história nos permite estilizar para fabricar o seis mil, quando faltam as flores habituais com palavras, sinais, paisagens e telhas; com formas de campo e com más ervas; com eclipses da lua e arreios; com peritagens de pedras, feitas por geólogos e análises de espadas de metal, feitos por químicos. Em

suma, com tudo o que, sendo próprio do homem, dele depende, lhe serve, o exprime, torna significativa a sua presença, atividade, gostos e maneiras de ser (FEBVRE. apud LE GOFF, 2003, p. 219).

O texto rico em figuras poéticas de Febvre demonstra o novo panorama do documento no campo historiográfico. A soberania das fontes escritas teve fim. Falsos ou não, podem fornecer informações sobre sua época e sobre os períodos que o sucederam. O documento é discurso, complexo e carregado de intenções, desejos, falas e silêncios. Trata-se de um monumento erigido com o intuito de propiciar uma determinada imagem. Neste sentido, a crítica histórica continua sendo o caminho para o entendimento de tais registros.

A ampliação do leque documental possibilita aos historiadores descortinarem novos sujeitos da História vivida. Ao extrapolar os limites dos registros oficiais, os pesquisadores adentraram em uma nova trama social, compreendida de atores e cenários antes ocultados pelo poder do olhar oficial. Neste sentido, a mudança na acepção documental revelou sujeitos antes ignorados, que emergem na História como relevantes atores, rompendo com o silêncio dos excluídos e marginalizados.

A renovação do caráter documental implica em uma necessária renovação do método da crítica histórica. Ao deparar-se com diferentes tipologias de fontes, o historiador deve buscar desmistificá-las respeitando as especificidades de cada uma. Ele deve atentar-se para o fato de que cada registro histórico foi produzido em um processo específico e, do mesmo modo, cada um passou por um trajeto peculiar até chegar às mãos do pesquisador. Por esse motivo é preciso ouvir as diferentes vozes que se fazem presente no texto histórico, da mesma forma que se torna necessário compreender as ausências, os silêncios. Logo, pode-se dizer que o alargamento do conceito de documento torna a crítica documental mais complexa, ou, ao menos fez provocar os historiadores para que fiquem mais atentos aos diferentes vieses que permeiam o caminho do fazer histórico.

Além disso, o historiador não pode esquecer que a descoberta de um novo enfoque documental não anula a relevância dos registros tradicionais, escritos e oficiais. Pelo contrário, deve-se buscar sempre que possível, promover um diálogo entre as diferentes fontes existentes sobre o objeto estudado, na tentativa de se chegar a uma interpretação mais próxima da realidade. Assim, pode-se dizer que a História não busca

mais a não busca mais a verdade soberana dos documentos, mas sim, um debate frutífero planejado ou simplesmente, imaginado. O sonho da ciência histórica de buscar a verdade dos fatos se desfez.

O historiador atual busca apenas compreender as intenções da produção do documento/monumento, seja ele falso ou verdadeiro, pois nas duas hipóteses eles podem abrir portas para um universo cercado de símbolos, desejos e fantasias. São as múltiplas leituras de mundo, de sucessivas ressignificações propiciadas pela apropriação dos bens culturais que o cerca.

## 2 -Ex-votos: testemunhos de um sonho impossível

Uma das principais expressões da religiosidade do catolicismo rústico é o ex-voto. Os ex-votos são objetos de diferentes tipologias que são deixados em igrejas, capelas ou santas cruzes como forma de agradecimento a uma entidade sacralizada por uma graça recebida, ou seja, é o cumprimento do pacto estabelecido pelo fiel com o santo protetor. Os ex-votos são depositados no santuário no ato do pagamento da promessa pelo voto alcançado.

No Brasil existem importantes acervos de ex-votos depositados nos santuários que são focos convergentes de romarias como o de Nossa Senhora Aparecida (SP), Nossa Senhora de Nazaré (PA), Bom Jesus da Lapa e Senhor do Bonfim (BA), Padre Cícero e Canindé (CE) e Senhor dos Passos (SE). Nestes santuários podem ser encontrados uma quantidade infindável de peças que retratam as mais inusitadas angústias inerentes à sociedade. As frustrações e dramas ordinários do povo brasileiro estão registrados em cada peça, do mesmo que também estão ali presentes a esperança e a resistência.

Na vivência cotidiana, quando o homem se encontra em desespero, necessitado e sem perspectiva de apoio na sociedade que o cerca, ele busca amparo no sagrado. Ele redimensiona suas forças para pedir auxílio ao sobrenatural, com o firmamento de uma aliança, um pacto. É o momento do voto. Quando o homem enquanto se social não consegue atingir seus propósitos com suas próprias forças, apela para o universo cósmico, sacralizado.

Em Sergipe, o maior e mais importante acervo de ex-votos está localizado no Claustro da Igreja da Ordem Terceira do Carmo. É o museu de ex-voto de Sergipe que reúne as peças deixadas pelos devotos do Senhor dos Passos a mais de um século. Realizada desde início do século XIX, a procissão dos Passos tornou-se uma das principais manifestações de fé do povo sergipano, congregando romeiros das mais variadas localidades de Sergipe. Muitos desses romeiros, no passado, deslocavam-se por dias, andando em busca da cidade santuário para render graças ao santo protetor. Foram esses romeiros, anônimos, marginalizados que formaram o acervo do museu, depositando seus ex-votos carregados de esperança e agradecimentos. Cada ex-voto revela um pouco da face de um povo esquecido, o sussurro de um povo silenciado. As várias imagens que compõem o acervo, muitas das quais toscas, refletem um povo oprimido.

Os ex-votos da Ordem Terceira do Carmo constituem uma instigante possibilidade de leituras frutíferas sobre o universo popular. As peças revelam as mais variadas angústias que permeiam o meio social sergipano. São objetos que refletem o imaginário popular acerca da cura, beleza, amor, formação, recuperação financeira e até mesmo da sorte. As obras também podem ser lidas como representações. O papel de cada sujeito histórico está delimitado na disposição do acervo, que pode propiciar interessantes pesquisas de gênero, cura, maternidade, casamento e tragédias. Pode-se dizer que as peças existentes no Museu do Ex-voto são o retrato da sociedade sergipana. Cada época e sociedade possuem suas dores específicas e isso transparece no claustro da Ordem Terceira do Carmo de São Cristóvão.

Apesar de ser provocador de pesquisas em diferentes enfoques, o acervo museológico em questão apresenta alguns problemas que dificultam a ação do pesquisador. A principal delas é a ausência de uma catalogação das peças, que ficam dispostas pelo claustro de forma desordenada, muitas vezes amontoadas. Até o momento não existiu uma preocupação de estruturar a exposição museológica, o que é lamentável. Em alguns momentos, o museu apresenta aspecto tenebroso, com peças depositadas nas paredes, teto e pelo chão. Para complicar a situação inexistente identificação das obras que ficam expostas a ação do tempo e visitantes.

Outro complicador a ação do pesquisador é a flexibilidade do acervo. As peças são deixadas sistematicamente pelos romeiros que todos os anos vão ao santuário. Da

mesma forma, as peças mais antigas e deterioradas, assim como muitos bilhetes deixados para o santo são descartados na “limpeza” do claustro. Com isso, o museu se renova a cada momento, extirpando muitos registros de épocas remotas, que poderiam ser os últimos porta-vozes de um complexo sistema de visão de mundo.

### 3 -Ex-votos como fontes para História da Educação

Desde o início da década de 1990 os estudos acerca da História da Educação vem aumentando consideravelmente em Sergipe, motivado principalmente pela criação do Núcleo de Pós-Graduação em Educação e da exigência da elaboração do trabalho de conclusão de curso nas licenciaturas da Universidade Federal de Sergipe. Apesar desses novos estudos, Sergipe continua sendo um celeiro de temáticas não abordadas. Importantes acervos continuam desconhecidos dos olhares dos historiadores da educação.

Um desses acervos é o do Museu de Ex-voto de Sergipe, situado no claustro da Ordem Terceira do Carmo em São Cristóvão. Mesmo sendo um museu destinado à salvaguarda de registros do universo religioso, as peças que compõem o seu acervo podem revelar inúmeras facetas da sociedade sergipana, entre elas, o campo educacional. Entre as centenas de peças que compõem o acervo podemos encontrar vários registros que retratam aspectos da vida educacional. São diplomas, cadernos e réplicas de livros que demonstram as diferentes representações da educação na sociedade sergipana.

Os ex-votos são objetos de diferentes tipologias que são deixados em igrejas ou capelas de santa cruz como forma de agradecimento a Deus ou santo por uma graça recebida. Assim, podemos dizer que o ex-voto é a materialização dos anseios sociais, o testemunho de uma visão de mundo de uma determinada época.

Entre as peças mais relevantes podemos destacar o acervo fotográfico. No museu podemos encontrar um relevante número de fotografias que registram aspectos do campo educacional, como formaturas e aulas. São diferentes focos e perspectivas que demonstram as representações coletivas “que encorparam nos indivíduos as discussões do mundo social e organizam os esquemas de percepção a partir das quais eles classificam, julgam e agem” (CHARTIER, 2002 p. 11).

As fotografias são provenientes de diferentes localidades do estado de Sergipe. Elas registram um dos mais importantes momentos do processo educacional, que é a formação, momento de conagração e alegria. Contudo, uma questão permanece incomodando. O que estas fotografias de formatura estariam fazendo em um museu de ex-votos? O que estariam simbolizando?

Uma das funções atribuídas ao ex-voto é testemunhar a graça recebida, o cumprimento do pacto firmado fiel/santo. Neste sentido, as fotografias estariam registrando a benção do Senhor dos Passos sobre o romeiro-estudante, ou seja, o sucesso nos estudos. Esse aspecto impressiona. No universo popular, o sonho da formatura permanece como um a conquista distante, algo praticamente impossível de ser alcançado. Daí parte a necessidade de solicitar a intervenção divina.

A formatura realmente parece ser a maior benção almejada pelos devotos do Senhor dos Passos no campo educacional. Além de fotografias inúmeras fontes retratam esse momento. Entre eles destaca-se uma camisa do curso de pedagogia da Universidade Federal de Sergipe, que rende graças ao santo pela concretização da formatura. A relevância atribuída a colação de grau e formação nos cursos profissionalizantes são reveladores, pois denunciam a busca pela acumulação de capital simbólico. Ser formado ainda é, para muitos, sinônimo de status, ou pelo menos, ter as credenciais para disputar um melhor posicionamento no campo.

Isso explica em parte o fato de devotos como Antônio José Carvalho Silveira, que depositou como ex-voto a sua carteira da OAB em 1985. Entretanto as preocupações acerca do universo educacional não são exclusivos dos adultos. Aos pés do Senhor dos Passos crianças também desabafam suas angústias em bilhetes como o de Luana, na qual ela clama: “Senhor dos Passos eu vou fazer três pedido que você fasa que minha mão contra a casa e quero que você que eu passe para a tesera sere e quero que você melha mãe paga as coisa que ela deve. Ass. Luana”.

Casa própria, dívidas e aprovação povoam a cabeça da imperativa Luana. Na íntima relação com o santo ela exige que o Senhor dos Passos solucione os três graves problemas que lhe causam aflição. Pelo elevado número de erros ortográficos não dá para saber se o pedido da aprovação para a terceira série foi atendido de imediato. Mas em meio a tantas promessas a garota não hesitou em solicitar bênçãos.

Quanto maior o milagre, maior é a retribuição. Um ex-voto chama a atenção no museu. É um livro talhado e que apresenta a inscrição relatando a benção desejada. A conquista testemunhada é de uma senhora que agradece ao Senhor dos Passos pela graça de ter aprendido a ler depois de adulta. As conquistas na esfera educacional são múltiplas e pertencentes a diferentes níveis e segmentos sociais. Mas todos estão no Museu do Ex-voto, como imagem-testemunho das nuances que perpassam a esfera educacional, desde a carteira da OAB ou a camiseta registrando a formatura, ou um livro esculpido somente para agradecer orgulhosamente o fato de ter aprendido a ler.

#### 4-Considerações finais

Este foi apenas o resultado da observação panorâmica sobre o acervo do Museu do Ex-voto de Sergipe, em São Cristóvão. Mas ele tem muito mais a revelar. É preciso abrir os cadernos amontoados nos recantos do claustro e adentrar em um mundo cercado de fantasias e utopias. O real e o imaginário se conglomera nas páginas deixadas ao santo.

Quem sabe, pode até ter escapado sinais que condenem o devoto por não ter sido tão santo. Mas, aprovação recebida, caderno deixado, promessa cumprida. O ano letivo recomeça, os anseios se renovam, o voto é confirmado. Os ex-votos permanecem atuais, porque o homem ainda deseja o impossível, o além, mesmo que seja relativo. O povo clama por graças.

Portanto, o acervo do museu de Ex-votos de Sergipe constitui uma importante fonte que pode contribuir com novos estudos sobre a História da Educação em Sergipe. Para tanto, é preciso que os historiadores “descubram” o potencial desse acervo, buscando provocar um diálogo com tais documentos. É um diálogo necessário.

### Referências Bibliográficas

BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

\_\_\_\_\_. *Cultura Popular na Idade Moderna*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

LE GOFF, Jacques. História. In: *História e memória*. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 17-171.

MELO, José Marques de (Org). *Folkcom*. Do ex-voto à indústria dos milagres: a comunicação dos pagadores de promessas. Teresina: Halley, 2006.

RODRIGUES, Núbia Bento. *O sofredor sou eu: antropologia de concepções de saúde, doença e construção pessoal*. Salvador: UFBA, 1995.